

Raimundo Correia, Juiz em Minas

ALBERTO DEODATO

O prof. Alberto Deodato, Diretor da Faculdade de Direito da U.M.G., pronunciou na sessão solene da Ordem dos Advogados, a seguinte conferência:

O ilustre Presidente da Ordem me deu uma honra. Falar, hoje, sôbre magistrado da minha escolha, já falecido. Os mortos são lembrados com mais sinceridade. Não é tarefa fácil no campo santo dos magistrados mineiros ressuscitar um nome, para lhe exaltar a memória. A grande maioria dos que estão sob jazigo perpétuo honrou a toga que vestiu. A sua lembrança é de todos os dias nas páginas dos livros jurídicos, na coletânea das revistas. Houve, mesmo, tempo em que a Justiça no Brasil se exercia pelas sentenças e pelos acórdãos dos magistrados montanhese. Sei que muitos se vão admirar da minha escolha. Fui buscar um juiz poeta. Juiz, na verdade, de parca produção jurídica e de abundante produção poética. Mas juiz na boa concepção do termo. Bom julgador, porque insensível às paixões da comunidade em que judica. Solícito, mas grave, como exige a vida social de uma comarca. Homem do bom conselho, na frase lapidar de um analista da vida de um magistrado francês. Juiz poeta não é originalidade. Chego mesmo a arriscar que todo juiz é poeta. Uns escrevem e publicam. Outros escrevem e escondem na invencibilidade de sua timidez. Outros escrevem, publicam e chegam aos páramos da fama. Raimundo Correia foi dêstes. Mas todos o são. A solidão monástica da vida da comarca o faz voltar para dentro de si mesmo. A natureza o convoca para o estro em

explosão de lirismo. As tardes longas, os profundos crepúsculos, os luares claros por chapadões e matas solitárias alvo-roçam os mais altos sentimentos de beleza e de amor. A poesia pode não ser transmitida, mas todos a sentem.

Raimundo Correia sentiu e transmitiu. O nascimento lhe marcou dois rumos. Era filho de magistrado. E nasceu no mar. O desembargador José da Mota Correia deixou, no Maranhão, fama de integridade, renome de bom julgador. A escola paterna educou o filho. O mar onde nasceu, a bordo de um navio, ancorado na linda baía de Magunça, no Maranhão, convocou-o para as musas. Essa convocação do mar teve outro grande poeta, Gabriel D'Annunzio que, quatro anos depois, também, nascia no mar, no Adriático, junto a Francavia al Mare. E mar e poesia se entendem tanto que foi o mar, nas costas do Maranhão, o túmulo eterno de Gonçalves Dias, o maior cantor da Raça.

Levou-o a escola do pai à magistratura. A êle e ao irmão, José de Azevedo Correia, também dado às musas, morto na cidade mineira de Ubá. Esse rumo à Minas do intelectual nordestista não é raridade. Chegou, certa vez, a encher mais de um terço da magistratura ou da promotoria. Aí estão, entre dezenas dêles, José Lins do Rêgo, Augusto dos Anjos, Mendonça Júnior, Osvaldo Trigueiro. E mais remotamente, vários Cavalcanti, Saraiva, Correia de Amorim, os nomes altos que ilustram a judicatura e a cátedra em Minas. Eu mesmo, recém formado, tive o dilema entre São Paulo e Minas. Escolhi o romantismo destas montanhas, amoráveis e tranqüilas, dos versos decorados na escola pública sôbre Marília e Bárbara Heliodora. A história bonita de Minas é sempre uma convocação aos intelectuais emigrantes.

Raimundo podia ter ficado em Turiassú, no seu Estado, para onde foi nomeado juiz. Podia ter permanecido em São João da Barra, no Estado do Rio, como Promotor de Justiça. Mas aí, um coronel lhe chocou a sensibilidade. Chamou-o a um canto.

— Eu não lhe disse que isto aqui é uma terra de intrigantes? Acabam de fazer uma enorme com o senhor...

Raimundo empalideceu:

— Conte-me por amor de Deus...

E o coronel, chamando-o de banda:

— Eu não lhe queria contar, meu doutor, para não o chocar.

e ao ouvido:

— Digo-lhe de antemão que não acreditei. Disseram-se que o senhor, com licença da palavra, era poeta...

Raimundo podia ter ficado em Vassouras, para onde foi nomeado juiz municipal, de órfãos e ausentes, e da provedoria de capelas e resíduas, e onde se casou com moça de Resende, perto. Lúcio de Mendonça, que o conheceu como juiz nessa cidade, disse dêle: «Ali foi que o conheci; eu, como advogado, êle como juiz. Na audiência, solene e grave, como um ministro do Supremo Tribunal de Justiça; momentos depois, numa sala de hotel, um companheiro adorável». Foi nessa cidade que o conheceu o nosso Augusto de Lima, numa manifestação ao humilde mineirinho, de que foi Raimundo o orador. Foi, também, em Vassouras que Pedro II o mandou buscar para conhecer. O episódio é narrado pelo Padre Bueno de Siqueira, o melhor biógrafo do poeta. Havia Raimundo publicado «Sinfonias». Criou nome nacional. O imperador quis conhecê-lo. Pediu ao barão de Paranapiacaba que o convocasse para uma recepção no Paço da Quinta da Boa Vista. Entrou, a muito custo, no salão real, o tímido juiz de Vassouras. E Pedro II, dirigindo-se a êle:

— Já li o seu livro. Muito bom. Os seus versos são admiráveis.

Foi em Vassouras que veio à publicidade o seu livro «Versos e Versões», onde está o soneto imortal do:

«Vai-se a primeira pomba despertada»

E o juiz poeta, depois de quatro anos de judicatura fluminense, despede-se da aristocrática cidadezinha, nestes termos líricos:

«Tú és, Vassouras, a própria lembrança dos que amei um dia em teus risonhos sítios, daquêles com quem convivi, com quem o meu coração se soube entender e que me não souberam jamais magoar».

Veio a República e o marechal Deodoro o nomeia Juiz de Direito da Comarca de Santa Isabel, hoje São Gonçalo do Sapucaí, em Minas Gerais. Em 11 de dezembro de 1889 toma posse do cargo. Faz na cidade mineira a sua roda intelectual. Leonel de Rezende Filho, Júlio Bueno, Carlos Lentz, Américo Werneck, Francisco Bressane de Azevedo, Pedro Tolêdo, José Onofre de Azevedo Lemos fazem parte das suas tertúlias. João Luiz Alves, o grande comentador do Código Civil Brasileiro, então promotor de Justiça em Campanha, visita-o de quando em quando. As tertúlias vão até alta madrugada, na casa de um e de outro. A só uma coisa não se havia adaptado ainda o novo juiz: aos buracos da cidade. Quando, alta madrugada, saía, acompanhava-o Júlio Bueno. Os animais soltos dormiam na rua. Não havia iluminação. E Raimundo, tateando com a bengala, dizia para o companheiro:

— O' Júlio, não tem vaca aí?

A cidade romântica punha em alvorôço a alma do poeta. De uma feita, em excursão com o meirinho, desceu do cavalo e deitou-se no chão. O meirinho scandalizou-se. E Raimundo começou a exclamar:

— Que escândalo! Que escândalo!

— Que é, senhor doutor?

— Um céu como êste de São Gonçalo do Sapucaí...

Posso afirmar que o poeta irônico, que também êle foi, nasceu em São Gonçalo. Certa vez, narra o cônego Bueno de Siqueira, planejou um jantar com seus admiradores e com João Luiz Alves. Sabia que vinha discurso, porque João Luiz Alves pedia a palavra «por dá cá uma palha». Pediu então a João Luiz, desconhecedor dos personagens presentes, que se referisse a cada um dos comensais. Êle, Raimundo, forneceria as informações, à medida que o discurso se fôsse desenvolvendo, em voz baixa. E, quando foi saudar o Pacheco, Raimundo soprou: é músico exímio e toca violino. E João Luiz, ao referir-se ao Pacheco, rústico comerciante de sêcos e molhados, fala em Orfeu, Mozart e Wagner. Pacheco amarelece e remexe-se na cadeira em desapontamento. Depois, a um

quase analfabeto escrivão, Raimundo diz tratar-se de fino literato. A outro, malandro de São Gonçalo do Sapucaí, elogia João Luiz como adiantado agricultor.

É em São Gonçalo do Sapucaí que êle conhece a casta dos rábulas. E então escreve —

«Rábulas! vós sepultais a verdade debaixo das vossas tretas; mas eu, com o único e sagrado fito de descobri-la e torná-la patente e nua aos olhos de todos, vou mergulhar os meus nas fôlhas dêsses grossos autos, cheios de borrões, selos, cuspos e misérias. Vossas consciências, tantas vêzes vendida, já não sabem afinal quem é o seu dono. Eu bem a vejo daqui. Debalde, lançais-me poeira nos olhos. Falais-me embalde em justiça, em liberdade, em outras palavras, que se pejam de sair tão sujas da vossa boca».

É dêle, em São Gonçalo, a sátira tremenda contra o tabelião, chamada «O vento e o tabelião».

Estronda a porta. Cai (maldito vento!)
do parapeito um vaso. Quem vos salva,
Minhas begônias e meus pés de malva
— Soam palmas, porém, neste momento...

Tú vens (tú que és o próprio fingimento
De nasóculos de ouro e enorme calva,
tú, que tens a consciência menos calva,
do que os punhos) lavar meu testamento.

Sorris com a polidez de um falso amigo...
Mas levou-te o chapéu essa lufada,
Que as minhas malvas e begônias prosta

A êsse vento brutal já não maldigo,
Porquanto, ao menos, se não fêz mais nada,
De um falso amigo pôs a calva à mostra.

De uma feita, uns anos atrás, a sua conscicência de jurista, fê-lo revoltar contra o Poder Político. E escreveu as duas quadras:

Tú que és da direção das massas investido,
Tú que vingas o crime, que o povo defendes,
E executas a lei penal, e do bandido
No topo de uma fôrca, o cadáver suspendes;

Tú que tens o canhão, a tropa, a artilharia,
Tú mesmo és quem fuzilas a inerme populaça;
Incurso está também, no código e devia
Prá ti também se erguer uma fôrca na praça».

Em São Gonçalo mandava colaboração para o Jornal do Comércio e o Tempo, do Rio, não deixando de ser colaborador permanente da Gazeta Sulmineira.

Os ares de Minas não abandonaram mais o poeta. Judicou por quase três anos em São Gonçalo do Sapucaí. Poucas sentenças porque pouco movimento forense. Alguns biógrafos as publicam. Coisas corriqueiras, apesar do senso de justiça em tôdas elas.

Govêrno amigo o manda para Ouro Prêto como diretor de Secretaria do Estado. A minha impressão é que Minas lhe inspirou, além de Vassouras, os seus grandes versos. Na terra de Marília, terra de sonho e de beleza, escola de amor e de liberdade, Raimundo escreveu o seu grande soneto que, no entender, é o mais belo e mais original do seu estro:

Aqui outrora retumbaram hinos;
Muito coche real nestas calçadas
E nestas praças, hoje abandonadas,
Rodou por entre os europeis mais finos.

Arcos de flôres, fachos purpurinos,
Trons festivos, bandeiras desfraldadas,
Girândolas, clarins, atropeladas,
Legiões de povo, bimbalar de sinos...

Tudo passou! Mas dessas arcarias
Negras, e dêsse torreões medonhos
Alguém se assenta sôbre as lajeas frias;

E em tórno os olhos úmidos, tristonhos,
Espraia, e chora, como Jeremias,
Sôbre a Jerusalem de tantos sonhos...

Em 1897, Raimundo, pela mão de Prudente de Moraes vai nomeado Segundo Secretário de Legação em Portugal. Lá

publica poesias. Volta a Niteroi. Vai dirigir um ginásio em Petrópolis. Retorna à magistratura ao Rio, como Juiz de uma vara criminal e, depois, juiz da terceira vara cível.

Certo dia, doente, aconselhado de ir à Europa, fixou residência em Paris. Uma tarde, 13 de setembro de 1911, estava a ler, em Lausanne, na Suíça, os últimos jornais vindos do Rio de Janeiro. De repente, em frente à espôsa, deixou pender o jornal, repousou a cabeça e, às 11 horas da noite, morreu numa pensão.

Acrescenta o Cônego Bueno de Siqueira que expirou cantando. Foi enterrado em Paris. Em 1920, um navio trouxe para o Brasil os ossos de dois grandes poetas: Guimarães Passos e Raimundo Correia.